

UM SONHO MARXISTA (MAIS DE UM) ⁽¹⁾

J. Guillermo MILÁN-RAMOS ⁽²⁾

Unicamp

*Herda-se sempre um segredo – que diz “leia-me,
alguma vez serás capaz?”*

Jacques Derrida, *Espectros de Marx*

I.

Pêcheux era um marxista. Sabemos que dizendo isso estamos agitando os fantasmas que assediavam Pêcheux, os que existem.

Os fantasmas da esquerda francesa, por exemplo: os de maio de 68; ou os de maio de 81, quando uma coalizão socialista-comunista levou Mitterand à Presidência: os fantasmas que deviam assediar Pêcheux um ano antes, quando, no texto que convoca esse painel, ele refere-se à situação francesa como um “caso sinistramente exemplar” de desvanecimento, “na proliferação vazia”, dos discursos com pretensão revolucionária (PÊCHEUX, 1982, p. 19).

De fato, na epígrafe que preside o texto, Pêcheux cita o *Manifesto do Partido Comunista*, escrito por Marx e Engels em 1848. A primeira linha – o primeiro nome – do *Manifesto*, invoca, precisamente, um fantasma. Dizem Marx e Engels:

“Um espectro ronda a Europa – o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa unem-se numa Santa Aliança para conjurá-lo (...)” (MARX & ENGELS, 1848, p. 39).

Exatamente do mesmo modo, Pêcheux nos introduz no texto que comentamos hoje:

¹ Um comentário do texto “Délimitations, retournements, déplacements”, de Michel Pêcheux, publicado originalmente na revista *L’Homme et la Société*, n. 63-64, 1982, p. 53-69.

“Desde há duzentos anos, alguns espectros começam a assombrar a Europa e a circular pelo mundo: o da Revolução Francesa de 1789, depois o das revoluções socialistas do século XIX (aquelas que não aconteceram, onde e quando eram esperadas), e finalmente o das revoluções do século XX, derivadas da de outubro de 1917 (...)” (PÊCHEUX, op. cit., p. 7-8).

A partir dessa referência fantasmática, Pêcheux constrói seu texto: uma espécie de escatologia¹ do espectro, uma *trip* pelos vestígios de uma verdade, como um *sonho* denso e *gozoso* pelos “trás-mundos” e “pré-mundos” que impregnam e habitam os discursos.

Já há um *clímax* no início, quando se refere os “vários sentidos” da palavra “espectro”. Ele refere “a figura fantástica do espírito dos mortos, que retorna para perseguir os vivos: imagens de corpos gloriosos, convertidos em visões terrificantes de fantasmas-espantalhos atravessando a história”; refere também “o velho truque da fantasmagoria, destinado a produzir, para o público espectador, a ilusão de uma presença irreal, que se relaciona, em cena, com atores de carne e osso”; e por último, fala da “análise espectral” das revoluções, a “misteriosa composição” de suas distribuições e colorações, “as ‘raias’ que dividem seu campo como fronteiras” (PÊCHEUX, op. cit., p. 8)...

Misteriosa em si mesma, inquietante, na verdade, é esta “fantologia”, essa “ontologia do fantasma” ideológico que traz Pêcheux.

Há um interesse evidente de Pêcheux em explorar a materialidade discursiva-ideológica através de metáforas visuais (sobretudo, a oposição *visível/invisível*)², um interesse em “visualizar” (e “desvisualizar”) as diversas “cenas” da sua análise, que é a questão histórica das revoluções. E o que gostaríamos de destacar é o seguinte: é a partir daí, desse interesse pelo que ganha ou perde visibilidade nas cenas revolucionárias, que alguma coisa talvez mude e se desloque na questão do *fantasma*, que aparece como um excesso, como um assédio espectral sobre as próprias cenas da análise. Como uma coisa que estava

² Doutorando em Linguística, IEL-Unicamp. Orientador de tese: Profa. Dra. Nina V. A. Leite.

lá sem ser convocada. Nesse caráter enigmático, nessa “porta para um sub-mundo” que abre o texto, talvez – com a certeza do *talvez* – a prática teórica de Pêcheux estivesse achando (sem procurá-lo...), explorando e se expondo a certa novidade, talvez ainda não-nomeada em certo horizonte teórico, talvez pertinente para pensar a materialidade discursiva da ideologia; talvez seu caráter enigmático mesmo seja o penhor de um peso específico, de uma densidade levemente diferente, que rarefaz o ar da solução “canônica” da materialidade da ideologia – reencontrada por Pêcheux na segunda parte do texto, no conceito althusseriano de Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE)³.

Poder-se-ia afirmar, pergunto, que a materialidade da ideologia – desse Outro althusseriano que se encarna nos AIE e existe materialmente nas instituições e seus rituais ideológicos – vê-se sutilmente subvertida por isso?; poder-se-ia perguntar se essa materialidade é afetada de algum modo por essa presença espectral e fantasmática que atravessa o texto de Pêcheux? – por esse excedente de materialidade que se apresenta ela mesma de um modo fantasmático, e fica nesses termos justos, de contornos pouco definidos, que retrocede e se subtrai talvez às técnicas de análise... embora esteja ali nesse início poderosamente escatológico, sintomático, e verdadeiramente impressionante do texto de Pêcheux?⁴

O texto de Pêcheux avança e se fecha de um modo não menos enigmático; explorando a metáfora visual e fantasmagórica. Ele quer saber “de onde vêm os discursos revolucionários”. “[Como] eles se constituem historicamente, na sua relação com o inexistente, com a irrealidade e com o impossível?”(PECHEUX, *op. cit.*, p. 16). Ele fala do “novo” no discurso do poder em termos de *produção do invisível*, produção da “fantasmagoria espectral [que] funciona tão bem”, da “rede de simulacros” (Baudrillard). É o modo em que o poder, “com a multiplicação de espectros”, domina, “combate”... O que combate? O que Pêcheux anuncia como o começo de uma “nova transformação das relações do visível com o invisível, com o irrealizado e o inexistente”; e se pergunta: “não seria esta a ocasião, para os

(Processo Cnpq No. 141507/2001-2). E-mail: milanx@adinet.com.uy, milanx@iel.unicamp.br

discursos com pretensão revolucionária, de empreender sua própria revolução?” (PÊCHEUX, *op. cit.*, p. 19-20).

“...[Sua] própria revolução”. Que de algum modo, não do modo justo, se antecipa no discurso do poder, e que reclama uma resposta dos discursos com pretensão revolucionária. Essa “nova transformação”, talvez, seja da pura ordem do espectro. Ordem à qual Pêcheux chegue, talvez, ao atravessar seu próprio “ritual-teórico-com-falhas” – a dialética do “sense” e do “non-sense” –, a estabilidade inevitável de uma retórica que perde seu brilho; alguns sentidos teóricos “cansados de guerra”.

Talvez seja essa a esperança que Pêcheux traz nesse texto, que se condensa na última frase, quando convoca a “...desvisualizar os espectros do discurso revolucionário para começar a devolver o que se deve ao invisível, isto é, ao ‘movimento real’ (Marx), que trabalha neste mundo para a abolição da ordem existente...” (PÊCHEUX, *op. cit.*, p. 20). Trata-se da luta do espectro com o espectro pela condição *justa*, da visualização e da desvisualização do espectro pelo espectro para que possa atuar no seu *justo* lugar.⁵

II.

Marx teria dito a Engels: “O certo é que não sou marxista”. Pelo menos isso é o que contou Derrida numa conferência na Universidade de Califórnia, em abril de 1993, que depois foi publicada com o título: “*Espectros de Marx*”. Li essa conferência para comentar o texto do Pêcheux, e de algum modo seu tom está presente no comentário que faço, através de algumas palavras escolhidas e usadas, talvez através da densidade de algumas palavras que quis transmitir.

Dissemos no começo: *os fantasmas que assediavam Pêcheux...* – e se Pêcheux era marxista, também os espectros de Marx. Que são *mais de um*, disse Derrida, que tem que ser *mais de um*:

“É preciso falar do fantasma, até mesmo ao fantasma e com ele, uma vez que nenhuma ética, nenhuma política, revolucionária ou não, parece possível, pensável e justa, sem reconhecer como seu princípio o respeito por esses outros que não estão mais ou por esses outros que ainda não estão

aí, presentemente vivos, quer já estejam mortos, quer ainda não tenham nascido”. (DERRIDA, 1993, p. 11)

E como se fala ao fantasma? Como se herda a herança de um fantasma? Não sem “desajustamento, disjunção ou desproporção: na inadequação a si”, disse Derrida. Ele fez referência ao texto de Blanchot que leva como título: “*As três falas de Marx*”. Essas três falas de Marx seriam: o violento imperativo político; um modo de pensar teórico-científico que subverte a própria ciência; e um vazio (o espectro) que deve ser ainda mais esvaziado. Três falas justapostas, díspares, intraduzíveis internamente, que há que manter juntas. Por isso Marx não era marxista.

Campinas, 10 de outubro de 2003.

Referências Bibliográficas:

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994 (1ª. ed. original, 1993)

MÂRX, Karl & ENGELS, F. *Manifesto comunista*. São Paulo, Bontempo, 2002 (3ª. reimpressão) (1ª. ed. original, 1848)

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. Trad. de José Horta Nunes. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, nº 19, jul./dez, 1990: p. 7-24. (1ª. ed. original, 1982).

NOTAS

¹ “ESCATOLOGIA. ‘creencias referentes a la vida de ultratumba’, S. XX. Cpt. culto del gr. *éskhatos* ‘último’ y *lógos*, ‘tratado’ (...)”. Corominas, Joan. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. Gredos, Madrid, 1998 (1^a. ed. original, 1961).

² “(...) a questão histórica das revoluções concerne por diversas vias ao contato entre o visível e o invisível, entre o existente e o alhures, o não-realizado ou o impossível, entre o presente e as diferentes modalidades de ausência” (PÊCHEUX, *op. cit.*, p. 8)

³ “(...) a questão da linguagem, a dos efeitos de fronteira [visíveis-invisíveis] e a da irrupção do irrealizado podem se amarrar à figura da interpelação ideológica dos indivíduos em sujeitos (...)” (PÊCHEUX, *op. cit.*, p. 16-7).

⁴ Pensar a possibilidade dessa “subversão” não supõe “esquecer” a materialidade lingüística-discursiva que Pêcheux, como autor, colocou sempre na cena, senão – bem compreendida a questão da materialidade ideológica-discursiva – incluí-la nesta.

⁵ Para exorcizar aqui o fantasma ideológico da “desalienação” absoluta: “Não há, pois, discurso, realmente falado por seres humanos, que possa se destacar completamente dos trás-mundos (ou dos pré-mundos) que o habitam (...)” (PÊCHEUX, *op. cit.*, p. 9)